

O que mudou em Rondônia

A não ser por pequenas alterações administrativas e a necessidade de todos se acostumarem a dizer e escrever Estado, e não Território, com se fez durante mais de 38 anos, a população de Rondônia — a “nova estrela no azul da União”, como diz a propaganda oficial — pouco notou a diferença da situação anterior e a de agora.

O povo só vai sentir alguma novidade quando, depois das eleições de novembro, os deputados estaduais e prefeitos eleitos tomarem posse. “Aí é que vamos entender que realmente fomos promovidos, que deixamos de ser um aborto constitucional”, diz o vereador Cloter Mota, do PMDB de Porto Velho.

Como território, a indústria de Rondônia se limitava apenas ao beneficiamento de madeira retirada da área e que depois era enviada para a comercialização de outros Estados. Além disso, alguns produtos agrícolas recebiam um tratamento preliminar, artesanal. Em seguida, tinham o mesmo tratamento da madeira e voltavam a Rondônia já comercializados, com preços bem maiores.

— Dentro de dois anos vamos ter o nosso distrito industrial implantado em Porto Velho e até meios de escoar a nossa matéria-prima, já industrializada pelo rio Madeira — promete o secretário da Indústria e Comércio, Reginaldo Vasconcelos.

O primeiro passo para que Rondônia tenha o seu distrito industrial será a realização de um velho sonho do povo rondoniense: a construção da hidrelétrica do Samuel. Só com ela o novo Estado ficará auto-suficiente em energia. Ao mesmo tempo, para que isso aconteça, é preciso que fique pronto o asfaltamento da BR-364, que segundo o cronograma, as obras comecem em maio.

Outro plano do governador Jorge Teixeira é buscar novos caminhos para que a economia de Rondônia se fortaleça. Entre eles está o de se abrir garimpos de cassiterita e ouro. Há duas semanas, o governo instalou 1.550 homens em uma frente de lavra de ouro, em terras pertencentes a uma multinacional de cassiterita.

De uma forma geral, as mineradoras locais são contra a lavra manual — pelas preferem operar com dragas — alegando que nos últimos anos têm arrecadado mais impostos que qualquer outra atividade, por causa do IUM (Imposto Único sobre Minerais), mas mesmo assim prometeram apoio ao governo.

Abelardo Castro, vereador do PMDB e autor de uma série de leis que dão ao município de Porto Ve-

lho o direito de fiscalizar a retirada do minério, é outro que apoia o governador.

— Nosso Estado não precisa dos buracos feitos pelas dragas. Precisamos, sim, é acabar com os problemas sociais que temos na nossa cidade, desde que o ex-ministro Dias Leite assinou uma portaria proibindo a lavra manual na estância de Rondônia, em 70.

A luta do comércio é diferente, mas também está ligada à mineração. Os comerciantes de Rondônia pedem insistentemente que as mineradoras abastecem suas cantinas no comércio local, que deixem de comprar os principais produtos em outros Estados, para depois revendê-los aos trabalhadores a preços altos, concorrendo com eles.

AGRICULTURA

Mas é na agricultura que o governo vai investir alto. Para tanto, criou uma série de organismos, sendo o mais importante deles a Companhia de Desenvolvimento Agrícola de Rondônia (Codaron), dirigida atualmente por um agrônomo experimentado, o paulista William Cury, que antes chefiou, por muito tempo, a Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias, a Embrapa.

— Nossa política econômica é dirigida ao pequeno agricultor — afirma Cury. — Não temos interesse nos grandes empresários da terra e a prova é que a

única experiência de reforma agrária que deu certo no País foi a nossa, com a divisão dos módulos de terra em lotes rurais que vão de 50 a 250 hectares.

Além dos cereais, foram dirigidos altos investimentos para as culturas fixas, como o cacau (hoje Rondônia só perde para a Bahia neste produto), o café, cujos produtores reclamam maior assistência do IBC, a borracha, que vem encontrando um grande apoio da Sudehevea, e até uma experiência com a soja vem sendo feita no Sul do Estado.

— Mas se não tivermos condições de retirar nosso produto agrícola e dar assistência aos colonos, de nada adiantará nosso trabalho — lembra William Cury, comentando que para tudo dar certo é preciso um grande apoio do Polonoroeste, cuja capacidade financeira se volta basicamente para o pequeno agricultor.

HABITAÇÃO

Neste aspecto, a população já começa a sentir algum progresso. É que, como Território, Rondônia não poderia fazer convênios com órgãos como o BNH, o que trazia grandes dificuldades para a implantação de sistemas habitacionais ou até mesmo trabalhos na área de urbanismo. Como resposta a esta transformação, ainda este ano deverão ser entregues duas mil casas no Interior e mais mil e 500 casas só na Capital, onde há enorme carência de residências.